



“Somos responsáveis por aquilo que fazemos, o que não fazemos e o que impedimos de fazer.”

Albert Camus

Crédito

Apesar de se tratar de uma carta mensal, ao fim do mês de junho é importante fazermos um breve apanhado do que vivemos ao longo do primeiro semestre de 2024. O ano começou com o mercado financeiro bastante otimista em todo mundo. Havia uma expectativa de quedas de juros nos EUA e nas principais economias mundiais. Esperava-se que os cortes fossem iniciados nos primeiros meses do ano e impulsionassem ativos de risco em geral e mercados emergentes em particular. O Brasil parecia ser uma boa opção dentre os que buscavam uma alternativa de alocação, elevando o otimismo dos investidores locais com a bolsa e juros.

No entanto, os dados econômicos que se seguiram sobre inflação e atividade econômica nos EUA não corroboraram com o cenário cuidadosamente pintado pelos diversos modelos econométricos a rodar pelo planeta. Portanto, o otimismo que prevalecia cedeu lugar à decepção e o preço dos ativos respondeu imediatamente, sincronizadamente e com vigor. O mercado de juros foi especialmente afetado e as curvas de juros nos EUA apresentaram forte abertura, trazendo aversão a risco. Este vento do Norte ganhou força ao cruzar a linha do Equador e fez balançar as vidraças na Faria Lima. O ciclo de queda de juros que já tinha sido iniciado no Brasil foi interrompido prematuramente e ativos de risco foram bastante impactados.

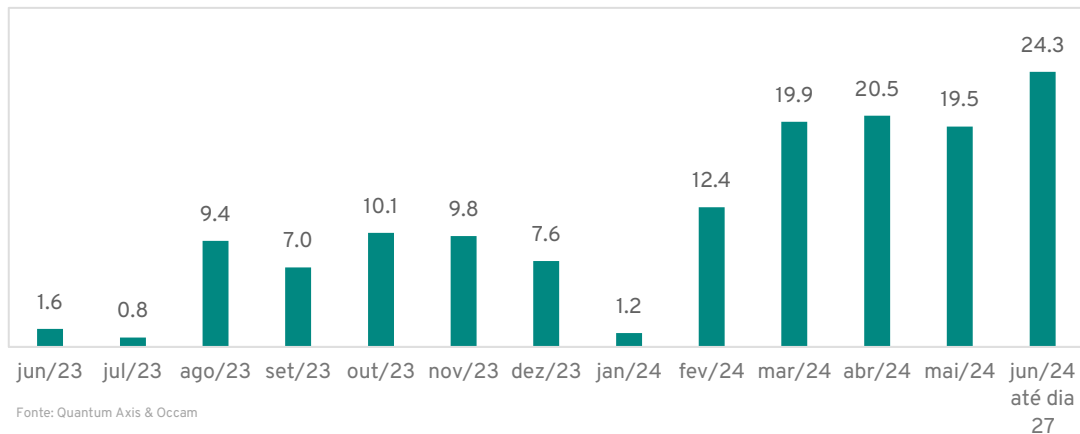
O fato é que, quando a aversão a risco aumenta no mundo, países emergentes são afetados e o Brasil costuma buscar um dos primeiros lugares na fila. Os investidores que antes procuravam por oportunidades de investimento passaram a buscar problemas e, como diz o ditado, quem procura acha. Passados os primeiros seis meses do ano, o mercado questiona nossa disposição de levar a cabo a tarefa de segurar gastos públicos e perseguirmos a austeridade fiscal. Depois de décadas de combate à inflação, bem-sucedida por vários ângulos, este é o último faltante para matarmos de vez a fera inflacionária.

Num ambiente tão conturbado, o mercado de crédito privado brasileiro se comportou muito bem. A classe de crédito privado se colocou como um porto seguro, como de fato o é em todos os demais países desenvolvidos ou não. Aqui no Brasil, o mercado de crédito ainda tem uma "vantagem" sobre seus pares internacionais: como grande parte das emissões é indexada ao CDI, ele é muito pouco afetado pelas oscilações da curva de juros futuros. O que mais importa aqui é o patamar vigente da Selic, e esta caiu calmamente ao longo do semestre, a despeito de todas as manchetes de jornais. Soma-se a isso o bom desempenho que ele vinha apresentando desde meados de 2023. Com o aumento das incertezas descrito acima, estão aí os ingredientes necessários para atrair o interesse dos investidores: bons resultados pretéritos e uma expectativa de segurança acerca do futuro.

Foi o que vimos em todo o primeiro semestre: a captação de fundos de renda fixa foi muito forte. No mês de junho, em particular, observamos uma captação de R\$ 24 bilhões em uma amostra de fundos com mais de 50% alocado em crédito privado, a maior do ano. Acreditamos que este cenário deve perdurar por algum tempo ainda. Ressaltamos que as alocações estão sendo destinadas a fundos com perfil mais conservador, o que impulsiona a demanda por títulos de emissores de baixo risco. As emissões de tais empresas são as que apresentaram melhor comportamento ao longo de todo semestre, mas fazemos uma ressalva: algumas empresas aproveitaram a oportunidade para tentar alongar prazos com títulos com vencimentos em prazos bem acima de 5 anos e spreads bem abaixo de 100 bps. O mercado de crédito mostrou maturidade e acabou não embarcando. A despeito de gostarmos do crédito de tais emissores, preferimos ficar fora dessas emissões. Há outros riscos além do risco de crédito, como o de liquidez, e julgamos ser necessário mais taxa para investimento em títulos de maior prazo



Volume de Captação Líquida – Fundos com mais de 50% em Crédito Privado (R\$ bi)



Assim, várias emissões acabaram sendo parcialmente encarteiradas por bancos e estão sendo vendidas com um pequeno deságio. Acreditamos que estas emissões serão absorvidas pelo mercado num preço um pouco mais atrativo e que as próximas virão em patamar mais ajustado, gerando boas oportunidades ao longo dos próximos meses, no entanto, é importante ter paciência. Como estas emissões ainda não fazem parte do IDA-DI, este indicador apresentou um fechamento de 4 bps de spread, que atingiu a marca de 154 bps no fim de junho. Acreditamos que os spreads sigam estáveis ao longo dos próximos meses, o que deve implicar num bom rendimento de fundos de renda fixa, apesar em níveis menores que os verificados em meses anteriores.

Tendo em vista o bom desempenho dos fundos de crédito da Occam ao longo de 2023 e de todo primeiro semestre de 2024, tivemos uma forte captação de recursos e decidimos fechar nosso fundo Occam Liquidez. Agradecemos a todos os investidores pela confiança. Acreditamos que estamos bem posicionados para o cenário que se apresenta e faremos a alocação com bastante parcimônia na medida em que surjam oportunidades com boa relação de risco x retorno.

Rendimentos em Junho 2024

FUNDOS	Mês	Acumulado ano	Desde o Início	Data de Início	Patrimônio (R\$ mil)	Taxa de Administração	Taxa de Performance
CRÉDITO							
OCCAM Liquidez FIC RF CP	0.89%	6.27%	31.24%	22/06/2022	2,851,380	0.40% a.a.	Não possui
% CDI	113%	120%	115%				
Occam Crédito Corporativo 30 FIC FIRF CP LP	0.96%	6.38%	22.01%	28/12/2022	509,916	0.60% a.a.	20% sobre CDI
% CDI	122%	122%	115%				

Nova Occam Brasil Gestão de Recursos

Rua Elvira Ferraz, 250
Sala 1008 Vila Olímpia – São Paulo SP
CEP 04552-040

Rua Dias Ferreira, 190
Sala 402 Leblon - Rio de Janeiro RJ
CEP 22431-050

BNY Mellon Serviços Financeiros Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.

Av. Presidente Wilson, 231
11º, 13º e 17º andares Centro - Rio de Janeiro RJ
CEP 20030-905

